

INCLUSÃO DIGITAL DE IDOSOS: NOVO CONTEXTO DE RELAÇÕES SOCIAIS

Gabrielle Ribeiro de Souza¹
gabyrsouza68@gmail.com
MirzaSeabra Toschi²
mirza.seabra@gmail.com

¹Discente do curso de Pedagogia, bolsista no Ciranda Digital da Cidadania/Fapeg do
CCSEH/UEG Anápolis-GO;

²Docente na Universidade Estadual de Goiás;

INTRODUÇÃO

Com o aumento da expectativa de vida dos brasileiros para 75,2 anos de idade, de acordo com dados publicados em 2014 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), e com dados do PNAD de 2013 que apontam que 11,7% da população de Goiás são de pessoas idosas com mais de 60 anos, dado este que vem crescendo rapidamente, pois no PNAD de 2009 este percentual era de 9,1%, despertou-se o interesse por estudar este grupo etário e a necessidade de desenvolver este projeto de inclusão digital voltado para os idosos.

O projeto Ciranda Digital da Cidadania tem a coordenação das professoras Mirza SeabraToschi na área de pesquisa e Nádia Maria Faria Vaz na área de extensão. O projeto visou ensinar o uso de smartphones e tablets para o acesso à Internet como uma forma de inclusão nesta sociedade digital, e tem como público alvo pessoas idosas e de baixa escolaridade que se interessam por aprender. O projeto foi desenvolvido por meio de oficinas itinerantes com atividades de uso de tecnologias digitais, computadores, tablets e smartphones, em praças digitais, telecentros públicos, centro de convivência de idosos e escolas com acesso à Internet disponíveis do município de Anápolis-GO.

Para atender os objetivos do projeto foram elaboradas escalas de atendimento para os bolsistas monitores, e o agendamento de horários para os atendidos, para que os atendimentos fossem individuais e personalizados, ou seja, atendendo os objetivos pessoais deles e buscando melhores resultados. Os monitores nas atividades das oficinas desenvolveram três etapas para atender aos objetivos do projeto: a fase do aprender, na qual os monitores ensinaram os procedimentos básicos de uso dos equipamentos; a fase do navegar, que consistia em utilizar de sites de busca para pesquisar o que fosse de

interesse do atendido; e a última etapa denominada de cirandar, na qual os atendidos navegaram sozinhos mas com a mediação dos monitores para atender as dúvidas.

Em entrevista para o Portal do Envelhecimento, Arantes (2014), autora da pesquisa “Velho com Olhar Novo: a informática redimensionando as relações”, relata que o uso do computador pelos idosos amplia suas relações sociais, suas oportunidades de lazer, de ensino e aprendizagem. Mas, como afirma a autora, faz-se necessário uma motivação por parte do sujeito, dos seus desejos, e do apoio do meio no qual tem suas relações sociais.

Bez, Pasqualotti e Passerino (2006) constataram, em uma pesquisa realizada com idosos que frequentaram um determinado curso de informática, que o motivo pelo qual esse público busca estes cursos parte da necessidade de se sentirem incluídos na realidade moderna, e conseguir acompanhar o cotidiano da família e da sociedade em geral. “Percebe-se que essa busca pelo conhecimento da tecnologia os fazem sentir-se incluídos tanto no convívio com a família quanto com a sociedade. Sentem que ainda têm capacidade de aprender e interagir de forma dinâmica com o computador”. (BEZ, PASQUALOTTI, PASSERIONO, 2006, p. 66).

Por isso, faz-se necessário elaborar políticas públicas visando à inclusão digital como forma de inclusão social, pois as tecnologias de comunicação e informação promovem a participação na sociedade, e este processo de inclusão digital proporciona aos idosos a recuperação da autoestima, o exercício da cidadania e a interação social.

Vieria e Santarosa (2009), em relato sobre as finalidades sociais de uso do computador e da Internet por idosos, afirmam que no processo de aprendizagem das tecnologias alguns aspectos cognitivos dos idosos decorrentes do envelhecimento, como diminuição da velocidade cognitiva, falta de atenção, e redução da memória, representam dificuldades para a utilização das tecnologias.

Apesar disso, muitos idosos se motivam e se dispõem a aprender a utilizar essas tecnologias. Segundo os estudos de Vieira e Santarosa (2009, p.3), “ao evidenciar a importância do processo de Inclusão Digital do idoso e os benéficos que este pode lhe trazer, constatamos que compreender a motivação destes sujeitos é um aspecto fundamental para a qualidade de sua Inclusão Digital e Social”. Então, faz-se necessário compreender quais são esses motivos para propor formas eficazes que atendam as necessidades dessas pessoas. Dentre os principais motivos da utilização das tecnologias

pelos idosos está a possibilidade de comunicação e interação com os familiares e amigos.

Os dados da pesquisa Ciranda Digital da Cidadania foram coletados nas praças digitais, telecentros, Centro de Convivência de Idosos e em duas escolas com acesso à Internet, por meio de anotações em Protocolo de Registro sobre os atendimentos realizados nas oficinas, as falas dos atendidos, as reflexões da autora desse texto, e entrevista semiestruturada que foi realizada com os atendidos, com o intuito de analisar o que muda na vida dessas pessoas após a participação nesse projeto.

Iniciamos os atendimentos nas Praças Digitais de Anápolis e de agosto a outubro de 2015 fomos a quatro praças, Praça Abílio Wolney; Parque Ipiranga; Praça Conego Trindade (Colégio Zeca Batista) e Praça Abádia Daher. Percebemos a ausência de pessoas interessadas, tivemos somente alguns poucos atendimentos e foram mais para tirar dúvidas, somente algumas atendidas voltaram outro dia para a oficina. Foi feita a divulgação nos arredores das praças visitadas, mas as pessoas não mostraram interesse. Tivemos a suspensão da ida as praças, pois não havia interessados e por serem praças perigosas, oferecendo riscos a nós bolsistas e aos equipamentos que levávamos.

Então, foi discutido e decidido que iríamos transferir o projeto para o Centro de Convivência de Idosos (CCI), um local fixo e seguro, pois, além da falta de pessoas interessadas nas praças, descobrimos um dado novo, de que os idosos também vêm as praças como um local perigoso e os filhos deles também não permitiram que eles fossem nelas, pela insegurança que causam.

Permanecemos com a oficina no CCI do final do mês de outubro até o mês de março, parando apenas nos recessos dados pelo CCI. Tivemos muitos interessados, por ser um local de circulação de idosos que é o público alvo do projeto, sendo assim, elaboramos uma escala de monitoras e marcamos horários para os idosos para realizar atendimentos individuais e personalizados. No CCI atendi a dez idosos, a maioria voltou outras vezes para outros atendimentos, outras foram apenas uma vez para tirar dúvidas.

No mês de abril fomos a alguns telecentros de Anápolis: Jardim Alvorada; Praça Americano do Brasil (Praça do Avião); Recanto do Sol (Casa Brasil) e São Lourenço. Somente no Recanto do Sol uma bolsista realizou um atendimento, pois não houve público interessado. Então, fizemos uma reunião para decidir a mudança de local e uma

nova escala dos bolsistas. Começaríamos a coletar dados no SESI da Vila Jaiara, no mês de maio.

No SESI tivemos um retorno surpreendente, por ser um local que além de outros projetos também promove atividades voltadas para idosos. Foi divulgado o projeto Ciranda nessas outras atividades e a quantidade de pessoas interessadas foi enorme. Montamos uma escala de monitoras e marcamos horários fixos para os atendimentos para mantermos a organização e por já termos constatado que o atendimento deve ser individual para ser mais produtivo. Fomos muito bem recebidas por todos, tanto pelos idosos, quanto pelos funcionários do SESI. Demonstraram o quanto consideravam importante e necessário nosso projeto e os atendimentos.

Com as respostas obtidas por meio dos questionários aplicados aos idosos que foram atendidos na pesquisa Ciranda Digital da Cidadania, foi possível inferir que os objetivos principais do projeto foram atendidos, que os atendimentos para os idosos foram satisfatórios, e responder a questão principal dos estudos “O que a tecnologia muda na vida das pessoas”.

Ao serem questionados sobre o que aprenderam com as monitoras, em suas respostas, as atendidas descreveram os procedimentos que aprenderam, porém duas deram respostas diferentes. Uma delas afirmou que “tirou muitas dúvidas e aprendeu coisas novas” e a outra disse que “tinha muito para aprender, mas que conseguiu aprender o básico para ter confiança”. Uma outra questão solicitava que as atendidas respondessem se os seus interesses haviam sido atendidos e justificassem o por quê. Todas responderam que sim, e nas justificativas deram respostas interessantes como: “deixava de mexer no celular por medo de estragar”; “agora posso fazer sozinha o que antes precisava dos outros para fazer”; “aprendi o que eu não sabia e ainda fiz novas amizades”. Questionadas sobre o que mudou em suas vidas depois que aprenderam a usar a Internet com os equipamentos, a maioria respondeu que melhorou a comunicação com a família e amigos e que depois das oficinas adquiriram mais confiança em mexer nos seus aparelhos. A única reclamação foi sobre o tempo, todas disseram que queriam que o projeto durasse mais tempo. Todas as atendidas elogiaram muito o trabalho da monitora, e em relatos disseram que a monitora tinha muita paciência, e ensinava muito bem e isso foi muito gratificante, ver os nossos esforços serem reconhecidos.

Foi possível inferir, avaliando as anotações no protocolo de registro, as falas das atendidas, as respostas às entrevistas semi estruturadas e dos materiais teóricos lidos

sobre os idosos e a questão da inclusão, que muitos idosos se interessam por aprender a utilizar essas novas tecnologias para se sentirem incluídos na sociedade, e foi interessante perceber como modifica as relações destes com a família e os amigos após o aprendizado.

O motivo principal da procura por esse tipo de oficina, segundo relatos dos atendidos, é a busca por atualização, pois os idosos se deparam com inúmeras dificuldades para lidar com esses avanços. Até em tarefas básicas do cotidiano como a ida ao banco, utilizar os eletrodomésticos em casa, se tornam empecilhos para os denominados "analfabetos digitais". Outros aspectos relevantes que foi possível identificar foi a questão da comunicação com os amigos e familiares, que os idosos atendidos relataram que melhorou muito após aprenderam a utilizar algumas ferramentas de mensagens instantâneas e redes sociais. O interesse pelas ferramentas de navegação na Internet para realizarem pesquisas sobre o que desejavam aprender, para segundo eles buscar conhecimento; e a possibilidade de fazer novas amizades não só virtualmente, mas também com os outros atendidos da oficina.

Podemos concluir que, ao conseguirem realizar sozinhos, tarefas que antes precisavam de alguém para fazer para eles em seus smartphones e tablets, eles já se sentem incluídos digitalmente e isso contribui para o sentimento de realização e felicidade.

REFERÊNCIAS

- ARANTES, Regina Pilar G. Pesquisa Analisa como a Informática Redimensiona as Relações. Entrevista em 2014. *Portal do Envelhecimento*. Disponível em: <http://www.portaldoenvelhecimento.com/pesquisas-academicas/item/2496-pesquisa-analisa-como-a-inform%C3%A1tica-redimensiona-as-rela%C3%A7%C3%B5es>. Capturado em setembro de 2015.
- BEZ, Maria R. PASQUOLATTI, Paulo R. PASSERIONO, Liliana M. Inclusão Digital da Terceira Idade no Centro Universitário Feevale. *XVII Simpósio Brasileiro de Informática na Educação - SBIE*. UNB/UCB. Porto Alegre, 2006.
- PNAD GOIÁS 2013. *PNAD 2013: Uma análise para o Estado de Goiás*. Disponível em: <http://www.imb.go.gov.br/down%5Cpnad2013.pdf>. Acesso em: 06 de Julho 2016.
- PORTAL BRASIL. *Expectativa de vida do brasileiro sobe para 75,2 anos*. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/11/expectativa-de-vida-do-brasileiro-sobe-para-75-2-anos>. Acesso em: 04 Julho 2016.
- VIEIRA, Maristela C. SANTAROSA, Lucila M. O uso do computador e da Internet e a participação em cursos de informática por idosos: meios digitais, finalidades sociais. *XX Simpósio Brasileiro de Informática na Educação*. Florianópolis, SC, 2009.